

MATERNIDADE: AUTOFIÇÃO, ENTREVISTAS E SHEILA HETI

Caroline Barbosa

(UFBA-Graduação)

Luciene Almeida de Azevedo

(UERJ-Doutora)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Caroline Barbosa é graduanda em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna- Inglês pela Universidade Federal da Bahia. Integrante do Grupo de pesquisa "Leituras Contemporâneas-Narrativas do século XXI". E-mail: barbosacarol41@gmail.com

Luciene Almeida de Azevedo possui Doutorado em Literatura Comparada (2004) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é professora de Teoria Literária da Universidade Federal da Bahia, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, e coordenadora do grupo de pesquisa "Leituras Contemporâneas-Narrativas do século XXI". E-mail: aaluciene@gmail.com.

Maternidade (2019) é o livro mais recente da escritora canadense Sheila Heti. Nascida em 1976 e filha de imigrantes húngaros, Heti escreveu livros de ficção e não-ficção e ganhou destaque no campo literário com as obras *How should a person be?* (2010), *Ticknor* (2005) e *Women in clothes* (2014), este último em colaboração com Heidi Julavits. As marcas de suas obras são a mescla de diversos gêneros (romance, ensaio, diário, memórias), discussões filosóficas e a relação com elementos biográficos de sua vida.

No romance, acompanhamos uma personagem sem nome que reflete sobre as pressões da sociedade para que ela seja mãe. Heti insere imagens, inclusive de si mesma, e relatos de outras mulheres que passam pela mesma situação. Com uma narrativa que transita entre o ficcional e factual, a autora estabelece um pacto ambíguo com o leitor, o que nos leva a refletir sobre a obra como autoficcional (DOUBROVSKY, 1977) não só pelos elementos intrínsecos dela, mas também pelas perguntas que são feitas nas entrevistas dadas por Heti, pois, muitas delas, parecem não separar as opiniões da personagem da própria autora. Dessa forma, essa resenha pretende comentar *Maternidade* (2019) a partir do espaço biográfico (ARFUCH, 2010) em que se insere e considerando que ela faz parte da literatura pós-autônoma proposta por Ludmer (2010), uma vez que realidade e ficção se fundem.

Escrito em primeira pessoa, a narrativa aborda os medos e inseguranças de uma

mulher chegando perto dos quarenta anos que discute sobre a sua decisão de ser ou não ser mãe. Como no trecho a seguir, ela insere conversas com seu namorado, com suas amigas, com a mãe e até mesmo com a sorte ao utilizar o sistema de adivinhações chinês chamado I ching, em que duas ou três caras significam sim e duas ou três coroas significam não:

Devo ter um filho com Miles?
não
Devo ter um filho e ponto?
sim
Então devo terminar com Miles?
não
[...]
(HETI, 2019)

A personagem transita pelo místico ao acreditar na leitura que uma mulher realiza de sua mão e até mesmo faz uso de videntes para compreender a decisão sobre a questão da maternidade.

Em relação à estrutura, o livro se divide em treze partes sendo *TPM*, *Sangramento*, *Folicular* e *Ovulando* as que se repetem mais de uma vez. Dessa forma, percebemos que sua construção é pensada para os estados que se relacionam com a temática da maternidade, com o corpo da mulher. É interessante notar também que, nas partes chamadas de *TPM*, a autora passa por um estado emocional de grande sofrimento e vê o namorado, Miles, como um homem ruim, que a despreza e suas brigas são constantes. Entretanto, na parte *Ovulando*, ela comenta como ele é bondoso, gentil e deseja sua presença.

As oscilações bruscas de humor da personagem só diminuem quando ela começa a tomar antidepressivos. Apesar dos preconceitos que rondam o uso de remédios para cuidar de questões emocionais e psicológicas, a personagem, que não é nomeada ao longo do livro, começa a se sentir em um estado de calma e paz que influencia sua decisão de não ter filhos no final do livro.

Ao longo de quase trezentas páginas, ela conta os fatos de sua vida de escritora e as reflexões sobre ser uma mulher de forma direta para o leitor. Além disso, como é exemplificado na citação, o livro desliza pelo gênero ensaístico ao trazer reflexões filosóficas que se relacionam com questões da sociedade:

Quando penso em todas as pessoas que querem proibir o aborto, isso parece significar apenas uma coisa: não é que eles queiram uma nova pessoa no mundo, o que eles querem é que aquela mulher tenha o trabalho de criar um filho, mais do que querem que ela faça qualquer outra coisa. Há algo de ameaçador em uma mulher que não está ocupada com os filhos. Uma mulher assim provoca certa

inquietação. O que ela vai fazer então? Que tipo de problemas ela vai arrumar? (HETI, 2019)

Outro ponto importante é que ele também se assemelha com a construção de um diário ou um livro de memórias ao relatar fatos do cotidiano, pensamentos do dia e há uma semelhança muito grande entre personagem e figura autoral. Ambas são escritoras, filhas de imigrantes, próximas dos quarenta anos e residem no Canadá. A autora chega até mesmo a inserir fotos de si e de objetos seus no livro, como se brincasse com a ideia de ser o seu próprio livro de memórias/diário.

A questão se torna ainda mais forte quando observamos entrevistas de Heti. As perguntas para a autora se confundem com as perguntas que a própria personagem tenta responder:

EL PAÍS: “Não ser mãe é o mais difícil. Sempre há alguém disposto a se interpor no caminho da liberdade de uma mulher”, escreve. É tão grande a pressão que as mulheres sofrem?

HETI: Acho que ainda é uma opção muito corajosa decidir não ter filhos. Ainda é algo que uma mulher tem de explicar. Ninguém pergunta a alguém que tem filhos por que teve, mas se você não tem, precisa responder por que não teve. Essa decisão ainda vai contra as expectativas da sociedade, contra nossas ideias da mais alta vocação das mulheres, contra nossas ideias sobre o que o corpo feminino deseja intrinsecamente. (HETI, 2019)

No livro, há um discurso parecido:

Às vezes me sinto tão culpada por isso, pensando que é algo que eu deveria fazer, porque sempre acho que os animais são mais felizes quando seguem seus instintos. Talvez não sejam mais felizes, mas se sentem mais vivos. Ainda assim, fazer arte faz com que eu me sinta viva e cuidar dos outros não faz eu me sentir tão viva assim. Talvez eu não me enxergue tanto como uma mulher com essa missão especial das mulheres, e sim como um indivíduo que tem sua própria missão especial — não botar mulher antes da minha individualidade. (HETI, 2019)

Dentro do espaço biográfico (ARFUCH, 2010), a entrevista se torna não apenas meio de divulgação da obra, como pode influenciar a própria leitura dela. No caso de Heti, a relação com aspectos biográficos de sua vida e os temas da obra fazem com que *Maternidade* (2019) possa ser considerada uma obra autoficcional.

O termo surgiu em 1977 com o romance *Fils* de Serge Doubrovsky. O autor estabeleceu os contornos da autoficção após Philippe Lejeune, teórico francês, elaborar um quadro para explicitar o “pacto autobiográfico”, um contrato de leitura entre o leitor e os gêneros autobiográficos, mas acabar deixando duas casas vazias. Uma delas se relacionava com a ausência de obras em que houvesse relação onomástica entre autor,

narrador e personagem.

Apesar das divergências que surgiram ao longo dos anos, as principais características da autoficção são a “identidade explícita do nome do autor com o nome da personagem-narrador; uma escrita visando a verbalização imediata; a reconfiguração do tempo linear, por seleção, fragmentação, inversão cronológica, mistura de épocas [...]” (PERRONE-MOISÉS, 2016). Para além disso, Doubrovsky salientava o caráter psicanalítico, a reflexão sobre a própria escrita e a ambiguidade entre os pactos autobiográfico e romanesco.

No romance de Heti podemos perceber a presentificação da narrativa, as reflexões sobre a própria escrita, sobre si mesma e suas memórias, os traumas que ela carrega da sua relação com a mãe, a fragmentação e o caráter não linear do que é relatado. Além disso, o ponto chave para a sugestão de ser uma obra autoficcional não está na relação onomástica entre autora e personagem, mas justamente na ausência desse nome.

Aqui retorno para o poder da entrevista em alimentar essa relação. A teórica Josefina Ludmer (2010) destaca que um caráter da literatura pós-autônoma é a “realidadeficção da imaginação pública”. Isso significa que para ler essas obras nós somos convocados a ativar nossas experiências do tempo em que vivemos, do que acontece ao nosso redor: “Falar de si mesmo por escrito é comunicar-se com um leitor virtual, o qual, por sua vez, pode buscar, na individualidade do escritor, as semelhanças com ele mesmo e as respostas que lhe faltam em sua existência individual”. (PERRONE-MOISÉS, 2016)

Quando a personagem fala das experiências dela enquanto mulher, ela está mexendo com temas caros ao espaço público e que evocam as experiências das próprias leitoras. E como já foi dito, para além da relação de elementos biográficos entre personagem e autora, essa mulher, sujeito político, que sofre com a sociedade, é também a própria Heti; algo reforçado em seu discurso nas entrevistas. Não que a autora faça isso propositalmente, mas dentro da nossa realidadeficção, as próprias perguntas levam a autora a estabelecer essas relações, como nos seguintes exemplos:

EL PAÍS: Você levou vários anos para escrever o livro. Essa escrita te ajudou a tomar a decisão final?

EL PAÍS: “Não chamamos de café da manhã a refeição que comemos depois que o sol se põe. Estou na tarde da minha vida. A hora de ter filhos é o café da manhã.” Quando se chega a essa certeza, o dilema da maternidade desaparece? (EL PAÍS, 2019)

Dessa forma, *Maternidade* (2018) pode ser um livro sobre a personagem, sobre Heti, sobre mulheres brancas de classe média ou sobre tudo isso ao mesmo tempo.



REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. Devires biográficos: a entrevista midiática. In: **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010. p.151-207.

HETI, S. **Maternidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HETI, S. Sheila Heti: "Parem de perguntar às mulheres que não têm filhos porque elas não têm". Entrevista concedida a Adrián Cordellat. **El País**, 04 de maio, 2019.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. In: **Sopro**. n. 20. 2010. p.1-4



Título em inglês:
MOTHERHOOD: AUTOFICTION, INTERVIEWS AND SHEILA HETI